

# RECORTE TEMPORAL DE GOIÁS RURAL ENTRE AS DÉCADAS DE 1940 E 1950, NO CONTO “A ENXADA”, DE BERNARDO ÉLIS

Aline de Fátima Marques <sup>1</sup>  
Eguimar Felício Chaveiro <sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho propõe uma leitura geográfica do conto “*A Enxada*”, de Bernardo Élis, inserindo-o como documento literário que expressa o processo de formação e transformação do espaço rural goiano entre as décadas de 1940 e 1950. Busca-se compreender como as narrativas literárias constroem representações simbólicas e materiais do território, revelando contradições sociais, econômicas e ambientais. Nesse período, Goiás vivenciava as estruturas agrárias tradicionais, baseadas no trabalho manual e na posse concentrada da terra e às políticas de interiorização do desenvolvimento nacional. Em “*A Enxada*”, o instrumento de trabalho assume valor simbólico, representando tanto o vínculo do homem com a terra quanto o peso das relações de dominação no campo. O conto evidencia a espacialidade do campesinato goiano, marcada pela dependência, pela resistência e pela identidade territorial construída no labor cotidiano. A análise do texto literário, associada à leitura histórica e geográfica do período, permite compreender a literatura como fonte para o estudo das paisagens rurais e das dinâmicas territoriais. Assim, o artigo destaca a relevância da obra de Bernardo Élis como testemunho e crítica do espaço agrário goiano, configurando-se como elemento fundamental para a compreensão das territorialidades e das práticas sociais que moldaram o rural brasileiro de meados do século XX.

**Palavras-chave:** Geografia e Literatura; Goiás Rural; Bernardo Élis; Territorialidade; Espaço Agrário.

## RESUMEN

Este trabajo propone una lectura geográfica del cuento “*A enxada*”, de Bernardo Élis, concibiéndolo como un documento literario que expresa el proceso de formación y transformación del espacio rural de Goiás entre las décadas de 1940 y 1950. Busca comprender cómo las narrativas literarias construyen representaciones simbólicas y materiales del territorio, revelando contradicciones sociales, económicas y ambientales. Durante este periodo, Goiás experimentó estructuras agrarias tradicionales, basadas en el trabajo manual y la propiedad concentrada de la tierra, así como políticas de internalización del desarrollo nacional. En «*La azada*», la herramienta de trabajo adquiere un valor simbólico, representando tanto el vínculo entre el hombre y la tierra como el peso de las relaciones de dominación en el campo. El cuento destaca la espacialidad del campesinado goiás, marcada por la dependencia, la resistencia y una identidad territorial construida a través del trabajo cotidiano. El análisis del texto literario, junto con una lectura histórico-geográfica del periodo, permite comprender la literatura como fuente para el estudio de los paisajes rurales y las dinámicas territoriales. Así, el artículo destaca la relevancia de la obra de Bernardo Élis como testimonio y crítica del espacio agrario de Goiás, configurándose como un elemento fundamental para comprender las territorialidades y las prácticas sociales que dieron forma al ámbito rural brasileño a mediados del siglo XX.

**Palabras clave:** Geografía y literatura; Goiás rural; Bernardo Élis; Territorialidad; Espacio agrario.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Pós-graduação da Universidade Federal – UFJ [ma.alinemarques@gmail.com](mailto:ma.alinemarques@gmail.com);

<sup>2</sup> Professor Titular da Universidade Federal- UFG [eguimar@ufg.br](mailto:eguimar@ufg.br)

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar as representações do espaço agrário e das relações de poder no conto “*A Enxada*”, de Bernardo Élis, a partir de um recorte temporal centrado nas décadas de 1940 e 1950 em Goiás. Nesse período, o estado ainda vivia sob a forte influência do coronelismo e de estruturas agrárias marcadas pela concentração fundiária, pelo trabalho precário e pela marginalização do homem do campo. Busca-se compreender como o conto de Bernardo Élis se torna uma forma de representação social e espacial, permitindo a leitura do território goiano como produto das tensões entre dominação, resistência e sobrevivência no meio rural.

A pesquisa parte da premissa de que a literatura regionalista de Bernardo Élis é um importante instrumento de leitura geográfica da realidade goiana, uma vez que o autor retrata, com densidade simbólica e crítica social, as contradições de um espaço marcado pela desigualdade e pela persistência de formas arcaicas de poder. Assim, “*A Enxada*” é interpretado não apenas como narrativa literária, mas como documento simbólico e histórico, no qual o instrumento de trabalho, a enxada, se converte em metáfora da exploração, da subalternidade do homem e da mulher do campo em um contexto de autoritarismo rural.

Metodologicamente, o estudo fundamenta-se em uma análise qualitativa e interdisciplinar, articulando a leitura literária e a interpretação geográfica do espaço representado. Foram realizados levantamento bibliográfico e análise textual à luz da litero geografia com destaque para categorias como espaço, trabalho, autoritarismo e ruralidade. A pesquisa também considerou fontes secundárias sobre o contexto histórico de Goiás nas décadas de 1940 e 1950, especialmente quanto às transformações políticas e econômicas advindas da expansão das frentes agrícolas e da consolidação do poder dos coronéis locais.

As discussões apontam que, em “*A Enxada*”, a figura do trabalhador rural aparece como sujeito silenciado, destituído de autonomia, e submetido a uma ordem hierárquica que o desumaniza. O campo goiano, nessa perspectiva é um espaço simbólico de dominação, no qual a terra assume dupla dimensão: de sustento e de servidão. A narrativa evidencia o caráter excludente das relações sociais e a perpetuação de uma geografia desigual, marcada pela resistência silenciosa do trabalhador diante do poder coronelista.

Conclui-se que o conto de Bernardo Élis oferece uma leitura sensível e crítica do Goiás rural do período em questão, permitindo compreender, a partir da geografia, como o espaço agrário é também espaço de poder e de luta. A análise demonstra que o discurso literário, ao representar o cotidiano e as contradições do trabalhador rural, contribui para desvelar as

dinâmicas socioespaciais e os processos históricos que configuraram a ruralidade goiana no século XX. Dessa forma, o conto de Bernardo Élis denuncia as estruturas autoritárias do coronelismo e propõe uma reflexão sobre o papel do homem do campo na formação territorial de Goiás.

.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, interpretativa e interdisciplinar, situada no campo da Litero-Geografia, vertente que compreende a literatura como espaço de produção, representação e interpretação do território. A metodologia foi delineada a partir da integração entre os métodos de análise textual e geográfica, permitindo compreender o conto “*A Enxada*”, de Bernardo Élis, como documento simbólico da espacialidade rural goiana nas décadas de 1940 e 1950. A pesquisa desenvolveu-se em três etapas complementares:

1. Levantamento teórico e contextual: realizou-se um estudo bibliográfico sobre o contexto histórico, político e territorial de Goiás nas décadas de 1940 e 1950, com foco nas dinâmicas do coronelismo, nas relações de poder e na organização agrária regional.
2. Leitura litero-geográfica do conto: aplicou-se a análise de conteúdo literário com base em categorias geográficas e simbólicas, considerando os elementos de espaço, território, poder e trabalho. Essa leitura buscou compreender como as representações literárias configuram sentidos geográficos e sociais. Utilizou-se, para isso, a técnica de cartografia simbólica do texto, identificando imagens espaciais, relações de poder e temporalidades que emergem da narrativa.
3. Interpretação geográfica e síntese analítica: a partir dos dados literários e teóricos, foi realizada uma interpretação hermenêutica do espaço narrativo, articulando as dimensões simbólicas da obra à materialidade histórica e territorial do Goiás rural. A análise procurou evidenciar as correspondências entre a representação ficcional e os processos socioespaciais do período estudado, estabelecendo relações entre o discurso literário e a formação territorial real.

O trabalho utilizou ferramentas próprias da pesquisa documental e interpretativa, dentre elas, destacam-se:

- Análise textual e discursiva: exame das estruturas narrativas, vocabulário e imagens espaciais do conto, com foco na representação da terra, do trabalho e das relações de poder.

- **Cartografia simbólica:** técnica interpretativa que consiste em mapear os espaços descritos e suas significações sociais, permitindo reconhecer como o território é construído pela linguagem.
- **Contextualização histórica:** uso de fontes secundárias (livros, artigos e documentos históricos) para situar o conto no panorama do Goiás das décadas de 1940 e 1950, caracterizado pela ruralidade e pelo coronelismo.
- **Correlação teórico-empírica:** cruzamento entre categorias geográficas (território, poder, paisagem, lugar) e elementos literários (narrador, enredo, metáforas, simbolismos).

Essas ferramentas permitiram desenvolver uma leitura geográfica da literatura, destacando o modo como a narrativa de Bernardo Élis revela práticas espaciais, relações de poder e identidades territoriais.

A metodologia adotada ancora-se na concepção de que o texto literário é um espaço de representação territorial, no qual as formas simbólicas da linguagem traduzem experiências espaciais concretas. Nesse sentido, a pesquisa não busca comprovar fatos históricos, mas interpretar o espaço vivido e as dinâmicas de poder que permeiam a vida rural goiana, expressas artisticamente na obra.

Reconhece-se, contudo, que a leitura litero-geográfica implica um diálogo constante entre o imaginário e o real. Assim, a metodologia se orientou por uma postura reflexiva e crítica, consciente de que a literatura não apenas espelha o território, mas o reinventa. A partir desse percurso, o método adotado pode ser sintetizado em quatro eixos:

1. Leitura histórico-territorial do contexto goiano (1940–1950);
2. Análise textual e simbólica do conto “*A Enxada*”;
3. Integração teórica entre Geografia e Literatura;
4. Interpretação hermenêutica e geográfica das representações do espaço rural.

Essa metodologia permitiu compreender a obra de Bernardo Élis como expressão litero-geográfica de um território em conflito, onde a terra, a enxada e o homem são metáforas de uma sociedade moldada pela desigualdade e pelo poder coronelista.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão do conto “*A Enxada*”, de Bernardo Élis, como expressão simbólica e geográfica do Goiás rural entre as décadas de 1940 e 1950 exige um referencial teórico que integre as dimensões literária, territorial e histórica. Nessa perspectiva, este trabalho apoia-se

nos fundamentos da Geografia Agrária e nas reflexões da Litero-Geografia, campo que reconhece a literatura como forma de leitura, representação e significação do espaço.

Partindo do entendimento de que o território é produto das relações de poder e de trabalho, a análise ancora-se nas contribuições de José Mendes (2012), para quem o espaço agrário brasileiro se constitui como expressão de dinâmicas históricas e sociais marcadas pela desigualdade e pela concentração fundiária. Segundo o autor, a compreensão do espaço rural deve incluir os modos de vida, as representações e as práticas que o estruturam.

Na mesma direção, Mitidiero (2016) aproxima-se da proposta da Litero-Geografia, na medida em que reconhece o poder das narrativas, literárias, orais ou imagéticas, de construir sentidos sobre o espaço rural. Assim, o conto “*A Enxada*” pode ser interpretado como território simbólico de um tempo e de um espaço específicos: o Goiás coronelista, estruturado pela dominação, pelo trabalho e pela desigualdade.

A perspectiva histórica que sustenta o estudo baseia-se nas reflexões de Borges (2007), que analisa a modernização do território goiano a partir da ação estatal e das transformações infraestruturais ocorridas entre as décadas de 1940 e 1950. Segundo o autor, esse período foi marcado pela coexistência de duas dinâmicas espaciais: de um lado, o projeto de modernização, com a construção de ferrovias, estradas e redes de comunicação; de outro, a permanência de formas arcaicas de poder e de relações sociais fundadas no coronelismo e na dependência. É justamente nesse interstício que se inscreve o universo narrativo de Bernardo Élis — um espaço rural que resiste ao avanço da modernização e conserva as marcas da estrutura agrária tradicional.

O diálogo com Bosi (1996) reforça a leitura crítica da relação entre colonização, poder e cultura. Em *Dialética da Colonização*, o autor revela que a formação social brasileira é atravessada por uma herança de subalternidade e exclusão que se reproduz no campo e na cidade. O pensamento de Bosi ilumina a leitura do conto de Élis ao evidenciar que a opressão do trabalhador rural não é apenas econômica, mas também simbólica: um processo de colonização interior que se perpetua na mentalidade patriarcal e na organização desigual do território.

Por fim, a obra do **próprio** Bernardo Élis (1966) constitui, simultaneamente, objeto e fonte teórica de análise. Sua narrativa é construída sobre uma linguagem que revela o peso da terra e o sofrimento do homem que a trabalha, materializando as contradições do espaço agrário goiano. “*A Enxada*” é, portanto, um documento estético e geográfico: nele, a enxada é símbolo da sobrevivência e da opressão, do pertencimento e da servidão. O conto sintetiza, por meio da

linguagem literária, as estruturas socioespaciais que configuram o Goiás rural do período, permitindo que a literatura funcione como um “mapa simbólico” da realidade.

Em síntese, o referencial teórico deste estudo se constrói na convergência entre Geografia e Literatura, reconhecendo o espaço como texto e a narrativa como território. As contribuições de Mendes (2012) e Mitidiero (2016) fundamentam a compreensão do rural e do território simbólico; Borges (2007) fornece a base histórica e política do recorte temporal; Bosi (1996) aprofunda a leitura crítica das relações de poder e dominação; e Élis (1966) oferece, por meio da ficção, a tessitura simbólica dessas realidades. Dessa articulação emerge uma abordagem litero-geográfica capaz de ler “*A Enxada*” como expressão espacial e histórica do Goiás rural, onde o homem, a terra e o poder se entrelaçam na formação de um território marcado pela desigualdade e pela resistência silenciosa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Bernardo Élis escreveu o conto “A enxada” que antecede ao período da Ditadura Militar brasileira. O conto retrata o período chamado por Borges (2007), como período da troca simples, na década de 1940 aproximadamente, ao início da modernização do Espaço agrário, entre 1940 e 1950.

O conto de Bernardo Élis, “A enxada”, é um reflexo contundente das dinâmicas sociais e econômicas que permearam o estado de Goiás ao longo do século XX. Ao abordar a temática da propriedade da terra e a luta do trabalhador, Élis utiliza uma narrativa que revela as contradições e desigualdades que se consolidaram entre as décadas de 1940 e 1950, período marcado por profundas transformações no campo goiano.

O conto, que sugere esse período, relata que Piano deveria plantar uma roça de arroz até o dia de Santa Luzia, data importante no calendário do camponês. A partir desse momento começou seu pesadelo, pois Piano passou a ser perseguido pelo fazendeiro Elpídio Chaveiro. Piano lutou pela vida, pela liberdade e pela enxada. Piano não tinha enxada e o fazendeiro Elpídio Chaveiro o impedia de ter. Negava-lhe a enxada e impedia que outras pessoas lhe vendessem ou emprestassem. Sob pressões, torturas e ameaças, saiu de madrugada com sono debaixo da chuva de Santa Luzia. Findado o prazo dado pelo fazendeiro Elpídio Chaveiro, tendo que plantar a roça de arroz sem enxada, Piano começou a delirar. Viu seu corpo transformar-se em enxada. Ajoelhou-se no solo, mergulhou as mãos na terra molhada pela chuva. Os dedos de Piano penetravam a terra como se debulhassem as teclas de um piano. Suas mãos cavavam o solo com sangue, suor e lágrimas. Sabia que morreria, não por causa da roça de arroz, mas pela ganância, pela injustiça e pela violência estimulada pela

transformação da terra em mercadoria. Piano é a representação de um tempo e de uma paisagem formada por coronéis. Viveu dramaticamente o sofrimento da luta para conseguir uma enxada. Esta, a luta de Piano, é a luta de muitos trabalhadores rurais no Brasil, em especial o sertanejo goiano, no período marcado pelo coronelismo, como tratado no conto; luta por dignidade e condições adequadas para se trabalhar. No conto, Bernardo Élis descreve a paisagem rural de Goiás entre as décadas de 1940 a 1950 como um cenário marcado pela brutalidade do latifúndio, pela concentração de terras nas mãos de coronéis e pela invisibilidade da luta do trabalhador rural. Os coronéis detinham o controle da terra e da vida dos camponeses.

No período retratado no conto “A enxada”, a terra em Goiás era o palco de opressão que se alimentava da desigualdade. O latifúndio é a estrutura fundamental dessa paisagem. As mãos dos trabalhadores eram esmagadas pela força da opressão, assim como as mãos de Piano, relatadas na obra, foram dilaceradas ao cavar o solo, misturando terra, carne, osso e sangue. Os coronéis eram detentores de vastas áreas de terra impondo um sistema de relações patrimoniais que eram a continuação das práticas coloniais. A escravidão, embora oficialmente extinta, continuava e continua (em alguns casos) a se manifestar nas relações de trabalho no espaço rural. A morte de Piano é similar à morte de sem-terras e indígenas mortos pelo Brasil. Essa violência é parte de uma estrutura sistêmica que privilegia a concentração de terra, a exploração econômica e o silenciamento de vozes mais vulneráveis.

Nesse mesmo período retratado no conto, as condições de vida de muitos trabalhadores rurais em Goiás eram desumanas, como foi a trajetória de Piano. As mãos tocavam a terra como se toca o piano, no desespero pela enxada que lhe foi negada como lhe foi negada a dignidade. Piano sentia fome, não tinha o que comer, o seu estômago roncava e sua pele suava enquanto era espancado pelos soldados de Elpídio Chaveiro. O ciclo de exploração era mantido pela violência simbólica e direta: o trabalhador devia obediência ao coronel, cuja palavra era a lei. Piano é a representação de muitos trabalhadores rurais nesse período conhecido como o tempo do coronelismo. O medo de represálias, o temor de ser expulso de uma terra que não era sua faziam com que os camponeses e sertanejos vivessem uma constante submissão ao latifúndio em condições de trabalho precárias.

No conto “A enxada”, a relação entre o homem, a terra e a luta se desdobram em uma trama densa e simbólica que reflete aspectos essenciais da condição humana. Nessa narrativa, o protagonista é confrontado com a difícil tarefa de trabalhar na terra sem seu instrumento de trabalho, para plantar a roça de seu Elpídio Chaveiro, representando um desafio que ultrapassa a mera lidar no campo do existencialismo e da luta pela própria sobrevivência. A sua luta se dá

pela necessidade de conseguir uma enxada emprestada para trabalhar. Ele não tem o instrumento de trabalho, a enxada. Piano precisa trabalhar para pagar sua dívida, mas, não recebe condições para isso. A enxada simboliza a ferramenta e as condições de trabalho do homem e sua conexão visceral com a natureza e com sua própria essência.

O cerne do conto está no motivo de uma enxada que Piano tenta obter, sem sucesso, para plantar uma roça. Essa ferramenta, a enxada, foi o estopim da morte de Piano. Na história, Bernardo Élis denuncia a opressão a que Elpídio Chaveiro submete Piano. Essas imagens correspondem ao período aproximadamente entre as décadas de 1940 e 1950, as mesmas condições a que os latifundiários coronelistas submetiam os sertanejos rurais.

Nessa perspectiva, a expressão das desigualdades desse recorte temporal marcou o Brasil rural, em especial o espaço sertanejo goiano. O mesmo sistema denunciado pelo escritor goiano Bernardo Élis, no conto “A enxada”, em que Piano, personagem central, é um trabalhador rural explorado até a morte, sem as condições mínimas de trabalho. As desigualdades se estendem por todo o Brasil.

A obra “A enxada” configura-se como uma narrativa que aprofunda a compreensão da realidade rural do estado de Goiás, centrando-se na figura do sertanejo. O sertão goiano remete à realidade descrita por Júlio César Pereira Borges, em sua tese “Fazenda-Roça Goiana: Matriz Espacial do Território e do Sertanejo Goiano”, Borges (2016). No estudo de Borges (2016), o autor explica que a economia rural goiana, em seus moldes mais tradicionais, está estruturada por práticas de subsistência e trocas simples, nos quais os valores de mercado não predominam, e as relações de troca e de trabalho se dão em um plano de sociabilidade mais direta e pessoal.

O conto “A enxada” é um retrato da luta diária de um homem do campo, onde o espaço rural se torna um elemento central da narrativa, em constante diálogo com o trabalho e as relações de troca. A troca simples, conceito abordado na tese de Borges (2016), é um conceito que aparece implicitamente no conto. A partir dessa perspectiva, a análise da obra de Bernardo Élis (1966), sob a perspectiva de Borges (2016), possibilita uma nova compreensão da representação literária do Goiás rural e suas particularidades socioeconômicas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa realizada em torno do conto *A enxada*, de Bernardo Élis, com foco no Goiás rural das décadas de 1940 e 1950. Como resultado é possível afirmar que a literatura



produzida por Bernardo Élis constitui uma literatura de denúncia às mazelas encontradas no espaço rural entre as décadas de 1940 a 1950. A pesquisa demonstrou que o conto analisado propõe uma crítica à estrutura agrária brasileira, configurando-se como ferramenta epistemológica para compreender as persistências e rupturas no espaço rural goiano.

O presente estudo evidenciou que o conto “*A Enxada*”, de Bernardo Élis, é uma obra literária que ultrapassa o regionalismo e se consolida como um documento simbólico da geografia rural goiana entre as décadas de 1940 e 1950. A partir da perspectiva da Litero-Geografia, foi possível compreender que o texto de Élis expressa, por meio da ficção, as contradições sociais, econômicas e territoriais de um Goiás em transição — dividido entre as permanências do coronelismo e os primeiros movimentos de modernização do campo.

A análise demonstrou que o espaço rural representado por Élis é atravessado por relações desiguais nas quais a terra e o trabalho se convertem em instrumentos de dominação. A enxada, símbolo central da narrativa, adquire valor metafórico, configurando-se como extensão do corpo e da condição do trabalhador rural: instrumento de sobrevivência e, simultaneamente, emblema de servidão. Essa ambiguidade revela a profundidade simbólica com que o autor goiano constrói a imagem do homem do campo, um sujeito silenciado, mas resistente, que habita um território impregnado de memórias, afetos e conflitos.

Ao associar o método da análise litero-geográfica às categorias da Geografia Agrária e da Geografia Cultural, foi possível compreender que “*A Enxada*” é uma representação territorial, uma “cartografia poética” das relações entre o homem, a terra e o poder. A narrativa de Élis não apenas reflete o espaço rural, mas o recria e o problematiza, revelando as forças históricas e simbólicas que o configuram. Nesse sentido, a literatura foi tratada como linguagem geográfica — uma forma de conhecimento sensível e crítica do território.

O recorte temporal escolhido — o Goiás rural nas décadas de 1940 e 1950 — mostrou-se essencial para compreender o entrecruzamento entre tradição e mudança. Conforme apontam Borges (2007) e Mendes (2012), esse período foi marcado pela expansão das frentes de modernização e pelo declínio gradual das antigas oligarquias rurais, sem, contudo, eliminar as estruturas coronelistas e as desigualdades sociais. É precisamente nesse espaço de tensão que a narrativa de Élis se insere: o campo é cenário e agente da transformação, e o trabalhador rural, sua vítima e testemunha.



A partir da leitura de “*A Enxada*”, conclui-se que a literatura de Bernardo Élis desempenha um papel epistemológico fundamental na compreensão do território goiano. Ela permite que se perceba o espaço vivido, não o espaço das estatísticas, mas o espaço da experiência, da dor e da resistência. O conto denuncia a violência simbólica e material do autoritarismo rural, mas também resguarda a dignidade e a permanência do homem que insiste em existir mesmo sob a opressão.

Por fim, este estudo reafirma a relevância da Litero-Geografia como campo de investigação que articula ciência e arte, objetividade e sensibilidade. A análise geográfica da obra de Élis amplia o entendimento do território não apenas como produto material das relações de poder, mas também como construção simbólica, histórica e afetiva. “*A Enxada*”, nesse sentido, é mais que um conto: é uma representação densa da formação territorial de Goiás e um testemunho das geografias humanas inscritas na memória do campo brasileiro.

## REFERÊNCIAS

BORGES, Júlio César P. *Estado e políticas públicas: trilhos, estradas, fios e genes da modernização do território goiano*. 2007. (Dissertação de Mestrado) – Iesa, 2007.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ÉLIS, Bernardo. *A Enxada*. In: BERNARDO, Élis. *Veranico de janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966.

MENDES, José. *Geografia agrária e desenvolvimento rural*. Brasília: Editora UnB, 2012.

MITIDIERO, M. *Territórios simbólicos e rurais no Brasil contemporâneo*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.